

EMPATIA E APRENDIZAGEM NO AMBIENTE ESCOLAR

Vera Antônia Medeiros Cardoso

Mestranda.

<https://orcid.org/0009-0002-1393-8455>

E-mail: veracardoso5372@hotmail.com

Egídio Martins

Doutor.

<https://orcid.org/0000-0002-1903-3908>

E-mail: martinsegydio@yahoo.com.br

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2025.V4N2>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2025.V4N2-55>

RESUMO: O trabalho tem como objetivo analisar a empatia e aprendizagem no ambiente escolar, considerando os sujeitos envolvidos na educação, dentro de uma lógica dialética de construção dos conhecimentos. Para debater a temática destacamos o pensamento de Brolezzi (2014), Cardoso (2016), Goleman (2006), Moitoso (2017), Freire (1996), Vygotsky (2014), entre outros, dos quais trouxeram conceitos, experiências e ideias referente a empatia e aprendizagem nos processos de relações humanas e conhecimentos. A pesquisa contou com estudo de referências bibliográficas, com ênfase nos procedimentos metodológicos de análise de conteúdo. Como resultado podemos afirmar que, a empatia e aprendizagem envolve o diálogo, a escuta, o acolhimento, a sensibilidade de se colocar no lugar do outro, o respeito às diferenças e convivências no ambiente escolar, promovendo assim, uma aprendizagem ativa, reflexiva, prazerosa e saudável na formação dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Empatia. Aprendizagem. Ambiente Escolar.

EMPATHY AND LEARNING IN THE SCHOOL ENVIRONMENT

ABSTRACT: The work aims to analyze empathy and learning in the school environment, considering the subjects involved in education, within a dialectical logic of knowledge construction. To discuss the theme, we highlight the thinking of Brolezzi (2014), Cardoso (2016), Goleman (2006), Moitoso (2017), Freire (1996), Vygotsky (2014), among others, who brought concepts, experiences and ideas regarding empathy and learning in the processes of human relations and knowledge. The research included a study of bibliographical references, with an emphasis on methodological procedures for content analysis. As a result, we can state that empathy and learning involve dialogue, listening, acceptance, the sensitivity to put oneself in another person's shoes, respect for differences and coexistence in the school environment, thus promoting active, reflective, enjoyable and healthy learning in the education of students.

KEYWORDS: Empathy. Learning. School Environment.

INTRODUÇÃO

A formação dos processos de aprendizagem constitui-se de relações, diálogo, vivências e reciprocidades de conhecimentos entre professores e alunos que na

materialização das práticas pedagógicas orientam e propõem atividades de ensino, do qual a empatia torna-se o elo de ligação dos sentimentos, emoções e afetividades não somente na interação social, mas também do aprendizado escolar.

Segundo Goleman (2006, p. 18) empatia e aprendizagem no ambiente escolar significam “criar um espaço onde a compreensão e a valorização dos sentimentos dos alunos são priorizadas”, de maneira que promova um lugar de aprendizado mais acolhedor e eficaz no acesso às experiências, uma vez que remetam aos sujeitos a construção de seus conhecimentos de modo crítico, reflexivo e transformador das realidades sociais.

Por isso, a temática em debate empatia e aprendizagem no ambiente escolar possui seus fundamentos e importância para o desenvolvimento de habilidades e capacidades cognitivas inerentes a formação de caráter, aprendizagem, princípios e valores éticos intrinsecamente relacionados com a personalidade e identidade social.

A empatia caracteriza-se pela “capacidade de se colocar no lugar do outro” (Cardoso, 2016, p. 18), e esta, mobilização ocorre através da relação professor e aluno na ação educativa e se fundamenta em práticas pedagógicas no cotidiano escolar, espaço este por excelência do diálogo, como diz Freire (1996, p. 19) parte de que nos pode unir para debater, apontar soluções para problemas através do consenso.

Para Goleman (2006, p. 19) para construir uma liderança empática é necessário “conhecer e partilhar necessidades, sonhos e projetos” que estão no interior do sujeito, ou seja, na subjetividade humana, permite assim, vivenciar situações no lugar do outro para identificar as dimensões das emoções, sentimentos e desejos que podem ser estabelecidos a partir do diálogo, da escuta, da participação e interação que ocorre em um determinado ambiente social.

Empatia e aprendizagem é uma temática que desafia os educadores nos debates e reflexões que, possibilita problematizar e analisar para poder reconstruir conhecimentos que visem estreitar as relações e promover aos educandos um ensino ativo, participativo e prazeroso com efeitos de resultados do trabalho pedagógico docente.

Atualmente sabemos que o baixo nível de aprendizagem, talvez esteja relacionado com o distanciamento de quem ensina (professor) e aprende (aluno) em sala de aula, pois

o diálogo é um pouco difícil de acontecer, os estudantes estão desestimulados, existe a falta de interesse e práticas pedagógicas desatualizadas e fora do contexto social, tudo isso reflete no aprendizado escolar, o que necessariamente exigem dos profissionais da educação um repensar e reformulação de teorias que remetam a rever as práticas de ensino, atualizar seus conhecimentos para estimular e favorecer a aprendizagem para os alunos.

Consideramos que a empatia seja um componente importante na educação escolar, pois segundo Moitoso (2017, p. 15) ela representa em sala de aula a “capacidade do professor se colocar no lugar do aluno, perceber suas inquietações e identificar as necessidades de intervir para ajudar no acesso ao aprendizado”, provocando por meios de estratégias, incentivos que estimulem as habilidades e capacidades cognitivas dos alunos a terem iniciativa própria na construção de seus conhecimentos.

Cardoso (2016, p. 20) destaca para nós que a cognição é o “processo de construção do conhecimento, que envolve a obtenção de compreensão e a realização de processos mentais”, que são estimulados pelos relacionamentos, participação e interação entre pessoas em um espaço social, tendo seus fundamentos e importância na formação do aprendizado decorrentes das práticas pedagógicas no ambiente escolar.

Segundo Vygotsky (1995, p. 43) em sua concepção a “empatia como um caminho que busca entender a imitação interior e a capacidade de compreensão do outro”, isso, se caracteriza pela relação do processo de ensino-aprendizagem que coloca o educador e educando como protagonista do acesso ao aprendizado.

Partindo do enunciado acima destacamos a seguinte problemática: Qual a importância da empatia e aprendizagem no ambiente escolar? O objetivo visa analisar a empatia e aprendizagem no ambiente escolar, considerando os sujeitos envolvidos na educação, dentro de uma lógica dialética de construção de conhecimentos

CONCEPÇÕES DE EMPATIA E APRENDIZAGEM NO AMBIENTE ESCOLAR

A educação escolar é um dos fenômenos sociais importantes para a formação humana, pois através dela o sujeito pode desenvolver habilidades e capacidades cognitivas inerentes aos processos de formação do aprendizado, bem como participar

ativamente das decisões tomadas na sociedade como um todo, porém é necessário ter boas relações e convivências para alcançar tal finalidade.

Sendo assim, a empatia caracteriza-se pela capacidade de se colocar no lugar do outro, pois é uma das estratégias em que o professor e aluno se relacionam no ensino-aprendizagem e, se fundamenta em práticas pedagógicas que tem como um dos focos o diálogo, o respeito e a troca de experiências, sobretudo, no compartilhamento dos saberes e práticas sociais do cotidiano escolar.

A empatia se torna fundamental na medida em que são criadas e estabelecidas formas distintas de convivência e trocas de experiências, pois Morada e Brolezzi (2017, p. 18) dizem que a empatia “é a luz para o caminho do aprendizado, tornando-se uma jornada de respeito mútuo e compreensivo”, isso parte da análise de que os processos de ensino e aprendizagem transcorre da reciprocidade de uma pessoa para com outra e, por isso, reconhecer e respeitar as diversidades remete para nós a compreensão do aprendizado no contexto social.

Para Gadamer (1986, p. 20) as necessidades de se proporcionar “um ambiente que favoreça a empatia com vínculo de relação de professores e alunos”, vinculadas às práticas de construção de conhecimentos que, remetam para todas as formas distintas de pensar e manifestar seus saberes articulados a própria existência humana.

Segundo Maturana (1979) a “empatia é uma mobilização que caracteriza a capacidade de estar no lugar do outro”, é um processo envolvido pelas emoções e sentimentos que coloca o sujeito empático na condição de perceber e buscar compreender os problemas ou dificuldades que, afetam e impedem o conjunto de relações sociais de determinada pessoa no contexto ao qual está inserida.

Para Goleman (2006, p. 21) a empatia “é uma das principais qualidades que permite a liderar e organizar emocionalmente a inteligência, tendo como foco a conexão entre duas pessoas o que o torna empática, sentem-se protegidas e apoiadas, pois cria um espaço apropriado para a troca de ideias pautado no crescimento tanto pessoal quanto profissional, uma vez que os aspectos emocionais são vivenciados e fundamentados na própria existência do indivíduo no contexto social.

Miranda (2017, p. 15) destaca que a empatia tem na filosofia correspondência com o “*conatus humano*” é uma visão também de Spinoza em particular, pensador do século XVII, é o esforço de preservar naquilo que somos, nossas características e relações” fundamentadas nas trocas de experiências, emoções e sentimentos que estão no interior da subjetividade do indivíduo.

Brolezzi (2017, p. 19) trazendo o filósofo romano Krznaric no sete escrito dizia que a empatia é sobre “achar a humanidade compartilhada”, pois considera uma autoridade, uma vez que o poder da empatia estava na arte de se colocar no do outro para transformar o mundo. Trata-se da capacidade do ser humano de pensar e saber discernir o pensamento, buscando manter relações de reciprocidades para estabelecer formas específicas de compreender a situação de vida do outro, como se fosse a sua naquele espaço ou contexto social.

No pensar grego a empatia envolve razão e, não só emoção e Aristóteles do século IV a.c. acreditava que a “ação humana ética é aquela que busca a felicidade”, porém compreendia que a felicidade não era entendida como estado de prazer, mas sim o resultado de uma prática contínua de atitudes virtuosas, que só os “sábios” poderiam compreender seu poder.

De acordo com Casa Grande (2017) “a empatia como elemento articulador de aprendizagem”, na concepção do autor aprender exige relações que estabeleça confiança, respeito e reconhecimento dos sentimentos da subjetividade humana, ancorada na reciprocidade de inter-relação entre sujeitos empáticos que, estão inseridos em um determinado contexto social. Maturana (1999, p. 36) entende que nas experiências entre professor e aluno “a empatia é sempre vista e colocada para o outro sem a percepção de que todos nós temos necessidades desta, nas distintas formas de vivências e práticas sociais” do contexto escolar.

Gadamer (1986, p. 28) aponta que a “falta de diálogo entre os sujeitos, afetividade e o reconhecer do estado socioemocional dos alunos”, fica muito centrado no professor com suas palavras e ordens, o que caracteriza uma pedagogia em parte tradicional que pouco contribui para uma aprendizagem autônoma. Miranda (2017, p. 17) acredita que a “empatia é capacidade de saber lidar com o outro”, revelando as necessidades de novos

conhecimentos que, possibilitem a ressignificação de processos e experiências na formação de práticas pedagógicas em sala de aula.

Casa Grande (2017, p. 58) demonstra que uma desconexão entre o ensinar e aprender, pois a “empatia e o aprendizado” é um processo de formação educacional que, em parte, tem um posicionamento tradicional e concepção de ensino do professor para com o aluno de maneira “fechada”, sem diálogo e afetividade, interrompendo assim, o próprio desenvolvimento do aprendizado, pois os estudos dizem que aprender é se disponibilizar e se relacionar com o outro, no sentido de criar reciprocidade e trocas de experiências e conhecimentos.

O processo educacional constitui-se por meio de relações recíprocas entre as pessoas, pois envolvem movimentos, articulações e percepções de olhares que exige uma atitude de aproximação, estratégias dinâmicas, organização e sistematização do acesso ao aprendizado que possibilita para o educando condições para repensar e transformar as realidades de seu contexto social.

Rodrigues (2015, p. 26) destaca que a empatia e aprendizado são “elementos fundamentais que transitam no espaço escolar e corrobora com a formação do aluno”, uma vez que a própria empatia capacita e coloca a ideia de que é, necessário entender a lógica do outro, está no espaço do outro, dentro de uma compreensão do sentir as suas emoções, reações, perspectivas e ações que promovem a autoestima e colabora, assim, para o aprendizado do aluno.

O ensino é um “processo sistemático intencional de transmissão de conhecimentos” (Cardoso, 2016, p. 19), tendo como meta proporcionar aos estudantes condições de ir além daquilo que está estabelecido para a conquista de novos horizontes, que permite a busca de experiências, formulações de hipóteses e ideias que os caracterizam em avanços no aprendizado.

Vygotsky (2014) percebe a “empatia como um caminho que busca entender o interior e a capacidade de compreensão do outro”, seja ele como for atribuindo, a este, entendimentos e emoções encontrando, assim, fragmentos de empatia nos conceitos de vivência que às vezes são despercebidas no ambiente que estamos envolvidos. O ensino e aprendizagem se faz através da relação com os outros, e isto, dependerá da empatia e

da capacidade do professor identificar e intermediar a ação que estimule o aluno a reconhecer seu valor e importância, que tem este “olhar e sentimentos empáticos que atribuem sentidos, significados e representações sociais no ambiente educativo da escola” (Brolezzi, 2014, p. 18).

Empatia e ensino aprendizagem são condições, segundo Brolezzi (2017) para vivenciarmos relações entre pessoas, dialogar e construirmos uma base de experiências”, que nos levem a pensar a importância da educação escolar como vivências, trocas de saberes e socialização de conhecimentos que nos “humaniza e transforma para conquistar novos espaços e práticas educativas do aprendizado” (Brown, 2016, p. 27).

A empatia como princípio, qualidades de líderes e organizações emocionalmente inteligentes” (Goleman, 1995, p. 45) em uma conexão entre indivíduos que envolvem emoções, sentimentos, vivências, relação humana, que propõe a ideia de se colocar no lugar do outro, sentir-se para compreender situações diversas que estão no interior de cada pessoa e reflete nas condições de vida, olhares, percepções e espaço que está inserido e construção de conhecimentos.

Rodrigues (2015, p. 27) destaca que a empatia e aprendizagem são elementos transitórios fundamentais no espaço escolar, pois permite aproximação do professor e aluno em sala de aula. Vygotsky (2014, p. 14) corrobora com a discussão quando ressalta a empatia como um “caminho que busca entender a imitação no interior e a capacidade de compreensão do outro”, como elementos fundamentais na mediação dos processos formativos do aprendizado. Tais autores revelam que há uma necessidade de mudanças interiores do ser humano.

Os conceitos de empatia e ensino-aprendizagem envolvendo professor e aluno, podemos afirmar que o ato de ensinar e aprender se constitui pelas relações humanas no ambiente escolar e exige a capacidade para identificar o educando, pois as emoções e sentimentos no interior da pessoa deve possibilitar para o educador se colocar no lugar do outro, sentir, entender sua situação e realidade de vida, mediando ações que possam estimular a capacidade de pensar e tomar atitude de mudanças que venham melhorar e qualificar a vida através dos conhecimentos.

Os teóricos como Rodrigues (2015), Goleman (1995) e Cardoso (2016, p. 23) apresentam importantes discussões sobre a empatia e, que está, em parte reflete a formação do professor e as formas de relacionamento que são estabelecidas em sala de aula, com base no centralismo de relação social, a falta de diálogo e um ensino pautado nos ideais de uma pedagogia tradicional, uma vez que busca apenas a transmissão de conhecimentos.

Rodrigues (2015, p. 27) diz que é necessário que o “professor tenha empatia em relação aos alunos, como também com seus colegas de trabalho e demais servidores da escola”, pois a empatia é um exercício diário que faz com que o profissional da educação confronta as “paixões” que são diferentes percepções do sentir, requer um “olhar e sentimento racionalizado que remeta a reflexão a partir daquilo que cada sujeito está expressando, ou seja, dizendo pelas emoções e sentimentos” (Goleman, 1995, p. 45).

Neste sentido, o ato de ensinar e aprender são estratégias de relacionamentos entre professor e aluno, pois é necessário que a capacidade de gerenciar seus sentimentos esteja em consonância com as práticas de ensino, resultando em efeitos que venham contribuir com a formação do aprendizado, pois é preciso criar condições favoráveis para que os educandos tenham autonomia e sejam incentivados a pensar e a lançar na permanência da busca constante da construção de conhecimentos. Os autores apontam que a empatia exige a “identificação do ser”, o que às vezes nem sempre acontece na escola.

Cardoso (2016, p. 26) considera que a escola cabe “ensinar conhecimentos que sejam positivos e objetivos”, deve proporcionar um caminho, mas não o único, com intuito de promover para os alunos a construção de hábitos, atitudes e posturas que, levem a perceber a existência das particularidades e singularidades nas relações humanas e processos de formação do aprendizado.

A característica do ser professor, também, é fundamental quando reconhece que a empatia passa pelo aflorar das paixões, e isto, evidencia para uma prática de ensino que requer do docente a identificação do aluno como ser singular e particular que, na sua interação social convive e compartilha experiências, porém é necessário estabelecer relações, diálogos, compreensão com as práticas de ensino que ocorre na escola. Os estudos revelam a carência do reconhecimento do sujeito como ser singular único, porém integrado a outros no contexto da escola.

METODOLOGIA

O trabalho contou com estudos de referências bibliográficas por considerar importante para o desenvolvimento da pesquisa, pois oferece um conjunto de textos e produção de conhecimentos referentes a várias temáticas investigadas, o que de certo modo contribui com leituras que dão base para a compreensão da temática estudada no campo da pesquisa.

Segundo Minayo (2007, p. 27) um estudo de referências bibliográficas em seu contexto mais amplo,

é uma pesquisa que se baseia na análise e interpretação de materiais impressos, como livros, artigos, teses, entre outros. É uma metodologia que explora a literatura existente sobre um determinado tema, seja para construir um referencial teórico, seja para identificar diferentes perspectivas sobre um problema a ser pesquisado.

Entendemos que a partir desta metodologia podemos realizar a interpretação e a articulação teórica, dando-lhe maior consistência nos debates e descrições do objeto estudado, pois consideramos que a produção de conhecimentos são fundamentais para efeitos de resultados na ressignificação do próprio saber pesquisado.

Para os procedimentos de análise destacamos o de conteúdo, tendo em vista que Minayo (2007, p. 27) considera como,

uma análise de metodologia que aborda especificamente uma temática explorando a comunicação, o material para fazer a interpretação, revelando a percepção do objeto o que pode estar explícito ou implícito, dependendo, portanto, do olhar do pesquisado e sua análise.

A partir do trecho acima podemos dizer que tal procedimento nos ajuda a analisar as mensagens e discursos, fazer comparações, interpretações e descrever a luz de teorias, confrontando as ideias e experiências para chegarmos a uma conclusão relativa dos conhecimentos, pois é necessário ter uma visão clara e crítica das realidades do mundo social, para assim, podermos reinventar a produção do próprio saber para intervir e transformarmos as realidades do cotidiano.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A escola é um dos lugares importantes para trabalhar a empatia nos processos de formação de aprendizagem, meio também de prevenir algum tipo de violência que ocorre

em sala de aula, pois é necessário estabelecer parâmetros de relações que promovam um ensino empático, que demonstre para o aluno o respeito e a compreensão sobre as diversidades que compõem as relações, vivências e formas específicas de ensinar e aprender.

Entendemos que a escola permite aos educandos contatos com pessoas, experiências, saberes e conhecimentos, contudo, é preciso que o professor seja motivador, busque identificar seus alunos através das condições de vida, bem como seu universo sócio-histórico e cultural a partir das realidades de seus respectivos espaços, além das demandas formativas baseadas em sala de aula, uma vez que a prática de ensino deve respeitar em cada educando a vontade de estudar e aprender.

Brolezzi (2017, p. 60) discorre sobre a aprendizagem e pontua que “esta, decorre da mobilização e participação do sujeito em um determinado ambiente”, pressupõe assim, que o professor seja um articulador e, que tenha a capacidade de conduzir as atividades de ensino, orientando e se colocando a disposição do outro, para a construção dos conhecimentos no contexto da instituição de ensino. Rogers (1972, p. 46) em comparação a Brolezzi (2017, p. 51) se distancia em termos de concepções de ensino e aprendizagem, pois enquanto um especifica a empatia o outro as relações de convivências, porém ambos contribuem para as reflexões sobre o ato de aprender.

Para Motta (2006, p. 32) a aprendizagem enquanto “processo e ação dependem das relações entre os indivíduos, o que ocorre na participação e interação social em sala de aula”, o professor é visto como articulador das experiências de aprendizagem seu ser empático fomentará o desejo dos alunos para conquistar seus espaços, a confiança e, sobretudo, um entendimento favorável para o aprendiz.

Aprender segundo Rogers (1976, p. 47) “significa ter o domínio próprio de seu conhecimento” o que envolve autonomia, respeito, empatia, afetividade e emoções, pois como processo a aprendizagem se desenvolve e o aluno cada vez mais interage colocando suas habilidades e capacidades cognitivas na construção dos conhecimentos.

Conhecer, segundo Miranda (2017, p. 28) é “um discernimento do pensamento humano pautado na sensibilidade, nos sentimentos que responsabiliza o sujeito e projeto sua vida para o futuro”, pois aqui as práticas pedagógicas constituem caminho não único,

mas diversos, com o propósito de estimular as habilidades e capacidades humanas nas relações do diálogo e do entendimento nos processos do aprendizado.

Desta maneira, empatia e aprendizagem tem uma ampla dinâmica no desenvolvimento de caráter e personalidade humana, requer o acolhimento e o afeto, segundo Cardoso (2016, p. 32) como “elemento que ressignifica a cognição, o pensamento e a linguagem” dentro de uma lógica dialética não somente de relações entre pessoas, mas também de convivência, respeito e a ajuda mútua entre todos.

De acordo com Freire (1996, p. 37) a aprendizagem é um dos processos que,

exigem relações de diálogo, escuta, compreensão e entendimento entre quem ensina e aprende é uma reciprocidade de pessoas que mobilizam as experiências, os conhecimentos, saberes e práticas sociais do cotidiano, influenciadas pelas realidades de vida. A aprendizagem se torna profundamente conectada com o pensamento e linguagem elementos fundamentais na ação educativa pedagógica escolar.

A empatia é um fenômeno social presente na aprendizagem que, requer esta posição de se colocar no lugar do outro, dentro de uma lógica dialética onde a fala e a escuta se fazem intrinsecamente constante nas relações que promovem a aquisição do saber escolar, pois movimenta as experiências e práticas sociais importantes na formação do aprendizado no ambiente escolar.

Rodrigues (2015, p. 28) destaca para nós que a empatia e aprendizagem devem ser vista,

do ponto de vista das relações dos indivíduos em um dado espaço social, permite assim, o estabelecimento de experiências, ideias e conhecimentos distintos que cada pessoa tem e influencia em seu desenvolvimento pessoal e coletivo, pois a aprendizagem escolar ocorre entre vieses de relacionamentos e a empatia tem papel fundamental ao acesso ao aprendizado.

A empatia necessita de uma percepção de acolhimento e relações das pessoas que interagem na escola e vivem a reciprocidade nas trocas de experiências que influenciam nas práticas pedagógicas dos professores e reconhecer a potencialidade e capacidade que cada um tem e proporcionar atividades de ensino, respeitando e valorizando seus conhecimentos, são necessários para uma aprendizagem significativa e voltada para os interesses dos próprios educandos em sala de aula.

Freire (1996, p. 38) considerando a educação escolar como um dos fenômenos importantes na formação humana, pontua que “a empatia permite o reconhecimento do outro e o diálogo é uma das peças fundamentais que, estimula a pensar e a problematizar as realidades sociais”, dando lhes condições aos sujeitos não somente pensar, mas também perceber a existência, refletir e intervir para transformar, pois a aprendizagem se apresenta como processo de formação que contribui para esta finalidade.

Segundo Brolezzi (2017, p. 53) a empatia na escola tem efeitos significativos na aprendizagem promovendo um,

ambiente de aprendizado mais inclusivo e engajador, pois ao demonstrar empatia os professores criam uma conexão mais profunda com os alunos, incentivando o engajamento e a motivação, além de fortalecer a autonomia e a resiliência. A empatia, também, facilita a comunicação e a construção de relacionamentos positivos, tanto entre professores e alunos quanto entre os próprios alunos no ambiente escolar.

O trecho acima demonstra os efeitos da empatia na aprendizagem inclusiva, pois considera um conjunto de valores e experiências em que educadores e educandos são parceiros que se relacionam, trocam saberes e socializam conhecimentos que colaboram no acesso ao aprendizado, engaja, fortalece, motiva, estimula e desperta a autoconfiança de sua capacidade o que os levam a cada indivíduo a busca constante pela construção do seu aprendizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que a empatia e aprendizagem no contexto escolar vem contribuir para os estreitamentos de relações entre professores e alunos no ambiente educativo de maneira que o diálogo, o respeito e a reciprocidades sejam elementos fundamentais nas práticas pedagógicas do acesso ao ensino e aprendizagem dos educandos.

Entendemos que empatia remete ao sujeito se colocar no lugar do outro, mantendo aproximação para estabelecer parâmetros, vivências e práticas sociais que influenciam positivamente na formação de caráter de personalidade e processos de participação, interação e integração no conjunto das relações entre pessoas, permite compreender

determinadas situações, buscando sempre contorná-las para se chegar a uma relação saudável entre todos os envolvidos.

Esta caracterização revela a importância da empatia para o acesso ao aprendizado em sala de aula, pois é necessário considerar a fala do outro, suas necessidades, as dificuldades se colocando sempre disposto para ajudar, e isto, reforça o laço de amizade, solidariedade, justiça social e um bem-estar que beneficia a todos da comunidade escolar, uma vez que a empatia requer o afeto, a sensibilidade e o sentimento de acolhimento, o que colabora com a aprendizagem e transforma a vida dos alunos.

A empatia enquanto capacidade de se colocar no lugar do outro, traz base para a consolidação de um ensino aprendizagem ativo e prazeroso, uma vez que as emoções, sentimentos, pensamentos e linguagens, criam estratégias para o relacionamento do educador e educando, estimula a autoconfiança, a esperança que deve ser pautada nos princípios e valores éticos do respeito às diferenças e convivências mútuas entre pessoas no ambiente escolar.

O ensino-aprendizagem são processos e ações que exigem dos profissionais da educação, pois ela é uma capacidade que qualifica o sujeito para viver e interagir com o outro, levando em conta as emoções e sentimentos que transitam no interior do ser humano e refletem suas condições de vida no contexto social do espaço que está inserido, pois é necessário entender que o ensino-aprendizagem transforma a vida e projeta para seu futuro.

Portanto, a empatia vem contribuindo com o ensino e aprendizagem, propondo desafios para nós professores em sala de aula, uma vez que as relações não são muito amistosas, existem conflitos e desentendimentos, o que requer revisão de comportamentos e atitudes da parte do educador, atualização de conhecimentos e práticas pedagógicas empáticas, que tenha como base o diálogo, a escuta e o sentir na lógica do reconhecimento e valorização do outro, fazendo da escola um ambiente de encontro, vivência, trocas de experiências e compartilhamento de conhecimentos.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. (2006). **Análise de conteúdo** (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trads.). Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1977).

BROLEZZI, Antônio Carlos. **Empatia em Vygotsky**. Dialogia, São Paulo, n. 20, p. 153-166, jul./dez. 2014.

CARDOSO, M. **Jornalismo, empatia e solidariedade**. Revista de Estudos de gestão, informação e tecnologia, E-SSN: 2359-1145. São Paulo: 2016.

CARVALHO, Alonso B. **Ser professor não é para qualquer um: o pathos na sala de aula**. IN: PAGNI, Pedro A. et al. A experiência do pensar em educação: identidade ou diferença. Marília: Poiesis Editora, 2017, p. 151-165.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADAMER, H. G. **A verdade e método**. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Revisão da tradução Ênio Paulo Gianchini. 3ª ed. Editora: Vozes, Petrópolis, 1986.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional e desempenho no trabalho**. Rio de Janeiro. Objetiva, 2006.

GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional**. 82 edição, Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Tradução de José Fernando Campos Fortes. 3ª Reimpressão. Belo Horizonte Editora UFMG, 1979.

MIRANDA, L. **Subjetividade: a (des)construção de um conceito**. In: JOBIM e SOUZA. S. (org.). Subjetividade em questão. A infância com crítica da cultura. Rio de Janeiro: 7 Letras, 1996.

MOITOSO, G. S.; CASAGRANDE, C. A- 2017. **O desenvolvimento da empatia na infância**. São Paulo Moderna, 2017.

MORIN, Edgar. **Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RODRIGUES, M. **Educação Emocional Positiva: saber lidar com as emoções é uma importante lição**. Novo Hamburgo, RS: Sinopsys, 2015.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **Imaginação e criatividade na Infância**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

Submissão: março de 2025. Aceite: abril de 2025. Publicação: junho de 2025.